

A EXPERIÊNCIA DO CLIU NA VIDA DA Professora SEFISA

O programa Conexão Interuniversitária (CLIU) que tem como objetivo proporcionar um primeiro contato com a pesquisa e intercâmbio entre acadêmicos da área de ciências sociais aplicadas de diferentes instituições é também um exercício de vivências compartilhadas. Estudantes, professores, coordenadores, atores, prefeitos, vereadores, gestores, gente comum e especiais nos proporcionaram uma experiência ímpar.

A experiência em campo mostrou a necessidade de um despojar de rigores técnicos para o atingimento de conhecer a realidade da aplicação de uma política pública. Essa imersão estimulou uma aprendizagem com cidadania e uma flexibilidade na captação e na observação da ação elencada como objeto de estudo.

O Programa Minas sem Fome foi, inicialmente, descrito por seus mentores e executores de forma condizente com o seu projeto e expectativa, mas, sejamos bem realistas, um estado que possui oitocentos e cinquenta e três municípios, o que corresponde a quinze por cento do total de municípios do país, qualquer ação se torna grandiosa. E a abrangência desse programa era estadual, ou seja, em todos os municípios do estado haviam ações dele. Hortaliças, lavoura, pequenos animais, pró pomar, tanques de resfriamento de leite, agroindústria, feiras livres e capacitações rurais faziam parte desse universo. O programa em questão é uma iniciativa pública visando a produção de alimentos, a geração de emprego e renda para os agricultores familiares. Para isso o governo estadual, com ampla participação dos governos municipais, fornece diferentes benefícios materiais e também de capacitação e ajuda técnica. Os maiores beneficiados do programa são os agricultores familiares, que precisam fazer parte de alguma associação local para poderem receber as benesses previstas, que são distribuídas de acordo com critérios variáveis que foram conhecidos na prática. Essa explicação se faz necessária para se ter ideia do tamanho e da proposta dessa ação. O Minas sem Fome é um programa complexo, por sua magnitude, extensão, recursos e pessoas envolvidas e interferências e intervenções das mais diversas origens e formas.

A semana que estive acompanhando o Aníbal, juntamente com a Beatriz e a Cecília me deixou

bem próxima da realidade do Programa, mas muito mais me deixou próxima da realidade dos fatos e das pessoas, e isto é o que faz a grandeza de um programa de imersão. “O problema é que o cotidiano é a hora da verdade. É ali que os grandes projetos, as grandes explicações, as grandes sínteses, as grandes narrativas e as grandes certezas são confirmadas ou negadas... É ali, no cotidiano, que sujeitos encarnados lutam, sofrem, são explorados, ..., se organizam para sobreviver, e assim vivem...” (GARCIA, 2013, p. 195). Através do registro em diário de campo, anotávamos os principais pontos de cada conversa ao longo do dia, assim como algumas falas que julgávamos interessantes para uma melhor compreensão da política pública executada, seus programas envolvidos originados de projetos, e das ações resultantes e recebidas pelo seu público alvo, os habitantes das áreas rurais dos municípios do estado de Minas Gerais.

Os atores que se mostraram importantes para a implementação do programa Minas Sem Fome foram os funcionários da Emater em todas as unidades, envolvendo diretores, gerentes e técnicos, os funcionários dos sindicatos rurais municipais, os secretários de agricultura e de assistência social, os presidentes dos Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural Sustentável, os presidentes de associações e todos os demais agricultores familiares beneficiados. Destaque para o registro das administrações municipais (Coração de Jesus, Janaúba e Nova Porteirinha), que, como se sabe, tem muita influência “nas pontas”, ou seja, diretamente com o povo e a municipalização, prática recente instituída por lei no país. Foi através desse contato que se aflorou a percepção da complexidade dos contextos em que políticas públicas são efetivamente aplicadas. Toda gestão pública sofre a intervenção dos contextos (atemporais) e da política e, por meio do contato com os diferentes atores, concluo que se faz necessária uma abordagem mais humana no aprender e na gestão, lembrando que por trás das políticas há pessoas reais.

O conhecimento da atuação do Minas sem Fome, objetivo daquele ano do intercâmbio entre a Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral-CE) e Fundação Getúlio Vargas (São Paulo-SP), me proporcionou um exercício de atividades, algumas pré-determinadas, que a cada dia eram somadas. Era a teoria com a prática, era a inter, multi e a transdisciplinaridade objetivando uma captação mais detalhada da experiência. Demo afirmou que o critério do que é científico é a possibilidade de ser discutido e se pode ser discutido, pode ser reconstruído. Precisamos nos fundamentar com a possibilidade de nos livrar de verdades totais. A nossa existência como a existência de qualquer fato é falível e toda realidade é complexa, tem dimensões, que

mesmo vivenciando ainda nos escapa, imagina sem essa vivência. Quando participamos de uma imersão captamos uma intensidade no fato, que não se é possível de outra forma. São níveis de realidade que precisam ser vistos, discutidos, reconstruídos por mentes abertas, por isso que a realidade é transdisciplinar, e ela não é excludente, ela aceita as interferências, mistura-se a outras realidades e se sujeita a intervenções, sem perder suas características essenciais, isso é interdisciplinariedade.

Tive a oportunidade, na universidade em que leciono, de replicar a iniciativa do CLIU, mas com o objetivo de simplesmente relatar fatos e fazer correlação com suas características, tendo um pouco de base teórica na demonstração dos conceitos e diferenças entre políticas, programas, projetos e ações. A universidade atende a uma região com quase quarenta municípios e o resultado gerou papers que foram apresentados em formato de banners no evento de Iniciação Científica do ano passado.

Retornando ao CLIU, posso afirmar que, para os jovens investigadores em campo, o exercício do conhecimento da teoria, através da apresentação inicial do Programa, aliada à ação da prática da vivência, que foi possibilitada é pra ter sido uma aprendizagem marcante e engrandecedora para a sua vida profissional, acadêmica e pessoal, e para mim, orientadora, professora, e também eterna estudante, foi um vasto aprendizado, que foi promovido pela vivência do fato em si, a teoria e prática de um programa público, especificidades de uma ação pública vista em outra região do país com cultura, povo, tradições e outras questões micro e macro ambientais e o compartilhamento de vidas, das pessoas pertencentes ao programa que nos receberam tão bem e a vivência semanal com o grupo, com seus méritos, características, vaidades, sentimentos, formas de lidar, mas objetivado por um trabalho comum e com respeito mútuo e... foi isso!
